

## PROBLEMATIZANDO AS RELAÇÕES DE GÊNERO NO CURTA “BONECA NA MOCHILA”

Lara Cris Pereira Martins  
FEESU/FUPAC  
[laracriss7@gmail.com](mailto:laracriss7@gmail.com)

Larissa Gabriell Luiz do Nascimento  
FEESU/FUPAC  
[larissagabi.nascimento@hotmail.com](mailto:larissagabi.nascimento@hotmail.com)

Bill Robson Monteiro Lisboa  
FEESU/FUPAC  
[billrobsonmg@hotmail.com](mailto:billrobsonmg@hotmail.com)

### Resumo Expandido

Esse trabalho tem como finalidade relatar a experiência de uma atividade prática, realizada no dia 29 de abril do ano de 2017 sobre o curta “Boneca na Mochila”, que foi produzido em 1997 com o objetivo de compreender políticas que são adotadas para o combate à discriminação, ao preconceito referente à homoafetividade no Brasil e fazia parte do kit contra a homofobia criado pelo Ministério da Educação em 2008. O curta se trata de uma situação-problema em que a personagem principal é mãe de um menino de 5 anos que está a caminho da escola do filho após ser encontrada uma boneca em sua mochila. Durante o percurso a mãe do menino e o motorista do táxi conversam sobre assuntos relacionados às questões da sexualidade, eles/as estão conectados num programa de rádio que apresenta vários/as pesquisadores/as esclarecendo dúvidas com relação às várias questões sobre a sexualidade. O curta termina quando a mãe da criança chega na escola, sobe as escadas mas não mostra o que acontece após sua chegada na escola deixando então várias possibilidades para o final da história. Após assistirmos o curta, o professor Bill Robson Monteiro Lisboa propôs à turma, para que cada um/a construíssem um final, respondendo as seguintes perguntas: “Com quem a mãe conversou na escola?” e “De quem era a boneca encontrada na mochila do menino?” e em seguida, montamos um debate sobre cada final criado por cada um/a. Durante nossa leitura, o professor fez diversas anotações sobre elas, para que no fim, pudesse pontuar e discutir sobre alguns pontos internalizados por nós, pois em todos os relatos dizemos que a mãe foi recebida pela **Diretora**, pela **coordenadora**, pela **professora**, etc. O professor problematizou o porquê nos nossos discursos só aparecer a figura do gênero feminino, como se não pudesse existir o **Diretor**, o **coordenador e/ou o professor**. Nos relatos também foram colocados que a boneca poderia **ser da vizinha, da coleguinha**, de algum projeto que estava sendo realizado **pela professora** na escola, **da irmã** ou até mesmo **da mãe**. Em nenhum relato foi colocado que a boneca poderia ser, simplesmente, do menino. Ou seja, diante de, em média 30 pessoas, todas elas enxergaram apenas uma possibilidade: a mãe seria recebida por uma equipe escolar formada apenas por **mulheres** e que a boneca poderia ser de qualquer pessoa, **menos do**

**menino.** Vimos que internalizamos e segregamos o que é “de menino” e o que é “de menina”. Encontramos-nos cercados pelo dualismo, desde cedo nós somos impostos/as pelos costumes, a mídia, a cultura, em como devemos nos vestir, com quais cores, sempre dividindo o que é para o menino e o que é para a menina. Sofremos e reproduzimos essas separações sexistas de forma despercebida por estar totalmente impregnado na sociedade em que vivemos. A escola acaba influenciando nessa segregação, sempre frisando o gênero operante, considerando apenas as vertentes desse gênero como o certo. Como se fosse apenas possível meninas brincando com brinquedos que desde sempre foram destinados socialmente a elas, como se o rosa fosse uma extensão de sua feminilidade. E, para os meninos, seguindo o mesmo padrão, com os brinquedos e cores definidas e destinadas apenas para o gênero masculino. Pensando nas brincadeiras destinadas para cada gênero, percebemos que cada uma delas tem a função de destinar e desenvolver as práticas do futuro. Nós mulheres, fazemos brincando o que vemos nossa mãe fazendo, como se só pudéssemos ser iguais a ela. Desenvolvendo através das brincadeiras de casinha e boneca, a afetividade, o cuidado, o sentimento, a responsabilidade de cuidar da casa e das pessoas que lá vivem. Já os meninos, tem que se espelharem naquilo que ficou definido como masculino, como o que os seus pais/ou responsáveis fazem. Todas essas questões influenciam nas nossas “identidades”, moldando quem somos e muitas vezes restringindo as possibilidades para o novo. Crescemos com um caminho pré-definido, já estruturado por terceiros e pela sociedade, com normas que nos forcem a nos adequar a elas, de forma padrão e inflexível. Se sou mulher, tenho que me casar, servir ao meu marido, ser bonita e bem humorada e ter filhos/as. Se sou homem tenho que ter um bom emprego, me casar ou não, ter filhos/as ou não. Isso nos coloca em uma cultura totalmente machista, que os homens são corajosos e fortes e as mulheres são frágeis e dependentes. Ofensas feitas aos homens, sempre são sobre sua masculinidade como, por exemplo, chamá-los de “mulherzinha”, ou ofendendo sua mãe ou sua companheira. A sociedade cria os homens para serem heterossexuais e os líderes de tudo: mandam na casa, na esposa, nos/as filhos/as. Muitos/as pensam que a mulher tem que ficar em casa cuidando dos/as filhos/as e dos afazeres domésticos, escolhem suas roupas, seus cortes e cores de cabelo, sua aparência em geral. Agem como se fossem donos do mundo, ignorando as vontades e possibilidades alheias. Já as mulheres, são pensadas para o espaço privado, agindo de forma submissa e mediando suas vontades às de seus parceiros, não podendo contrariá-los. Ficam sempre na espera de serem cuidadas e relacionam que só serão felizes se tiverem um homem ao lado. De tanto serem julgadas, aprendem a julgar outras mulheres e a si mesma, sempre se regando às suas vontades. A mulher é vista como inferior ao homem, na sociedade em geral, tendo que pensar em cada passo a ser dado para não ser interpretada mal, pois se uma mulher usa determinada roupa, os homens podem entender de tal forma que passa ser “problema” apenas da mulher. Se a mulher quiser se vestir de uma forma que lhe agrada, mas provocar um homem, não é ele que tem que se controlar, respeitar e entender que ela tem esse direito e que o corpo dela é apenas dela. As pessoas devem ter consciência de que cada um/a tem o seu corpo e que podem fazer o que bem entender com eles, desde que não prejudique outra pessoa, um conhecimento que os homens aparentam ter grande dificuldade de compreensão, pois a cada 11 minutos uma mulher é estuprada no Brasil (estima-se que apenas 10% denunciam) de acordo com uma matéria publicada em 2016 pelo “Jornal Hoje”. Uma em cada três mulheres sofrem ou já sofreram violência física ou sexual. Na maioria dos casos a violência sexual é feita por pessoas próximas como tios, padrastos e até mesmo

os pais e 80% dos casos as vítimas possuem de 0 a 15 anos. Ou seja, o discurso que ouvimos de que as mulheres que devem se prevenir de tais abusadores é totalmente incorreto visto que são os homens próximos que oferecem perigo as mulheres enquanto crianças ou jovens que não entendem o risco que correm simplesmente por serem mulheres. Portanto, o curta “Boneca na Mochila” é uma excelente Pedagogia Cultural para que nós possamos refletir sobre os estereótipos e as relações de gênero dentro e fora do espaço da escola.

**Palavras-Chave:** Relações de Gênero; Masculinidades; Feminilidades.

**Referência:**

SANTOS, Sandro Prado. Concepções de gênero de futuros/as professores/as de ciências e biologia a partir do vídeo Boneca na Mochila. XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas *Anais* - 2012